

VOGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA ILUSTRAÇÃO
30, Rua da Alegria, 30
End. teleg.: LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
DIRECTORA
ESTELA SANTOS NOBRE
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO: ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.^a
REDACÇÃO — R. Cecílio de Sousa, 77, 1.º — Telef. N. 873
(Antiga R. da Procissão)
ADMINISTRAÇÃO — Rua Anchieta, 25 — Telef. C. 1084



A SEÑORITA CARMEN PRIMO DE RIVERA, FILHA DO PRESTIGIOSO CHEFE DO GOVERNO DE ESPANHA, E QUE POUSOU EXPRESSAMENTE PARA «VOGA»,
ENVERGANDO O TRAJE TRADICIONAL DAS NOSSAS LAVRADEIRAS DE VIANA DO CASTELO (Foto «Ilustração»)
ESTE NÚMERO TEM 12 PÁGINAS E FOLHA DE BORDADOS

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Ayuntamiento de Madrid

VIDA ELEGANTE



Casamento da sr.^a D. Maria Luiza Henriques de Lancastre (Alcaçovas), com o sr. Visconde de Taveiro, realizado na capela do palácio dos pais da noiva, srs. Condes das Alcaçovas, no dia 3 do corrente. Os noivos no jardim do palácio

DIPLOMATAS

O anúncio da próxima retirada dos ilustres Embaixadores de Inglaterra para o seu país, em consequência de ter Sir Lancelot Carnegie atingido o limite da idade, causou profundo desgosto em Lisboa, onde esta ilustre família reside há já bastantes anos, representando com inexcédível distinção o seu país e atraindo as



A sr.^a D. Alda Idalina Pereira de Aguiar e o sr. dr. Abel de Araújo, por ocasião do seu casamento, realizado na capela dos pais da noiva, em S. João do Estoril, no dia 28 de Abril último

vivas simpatias de todas as classes sociais da capital.

Lady Carnegie, que em muito preza os seus amigos de Lisboa, quis há dias ter a amabilidade de reunir alguns, num tea encantador, onde uma vez mais foram postos em relevo os primores do seu insinuante trato. Auxiliada por sua gentil filha, Miss Dorothea, a ilustre Em-

baixatriz recebem os seus convidados com inexcédível distinção, a todos deixando, ao terminar a festa, saudades da sua convivência.

Durante a tarde um magnífico jazz-band fez dançar numerosos pares, enquanto nos outros salões e nas galerias se dançava animadamente.

FESTAS DE CARIDADE

No Politeama. — Deve realizar-se na próxima semana, neste elegante teatro, uma recita de caridade, por distintos amadores, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade da qual fazer parte as seguintes: condessa de Avilez (D. Maria), duquesa de Palmela, D. Gilda Anselmo de Mesquita de Guimarães, D. Isabel Leça da Veiga de Freitas Esmeraldo, madame Galli, ministra de Itália; D. Adelaide Monis Pereira Denis de Sampaio, D. Maria Amélia Teles da Gama Soares Cardoso, D. Maria Henriqueta da Cunha Soto Maior Talone, D. Maria Margarida Pocariça da Costa Freire, e viscondessa de Monte



O casamento da sr.^a D. Maria Luisa Henriques de Lancastre (Alcaçovas) com o sr. conde de Taveiro — Um aspecto da elegante assistência

Belo, na qual será representada, pela primeira vez, a opereta portuguesa «Com amor se paga...», em dois actos, original do sr. Josué Trocado, música e poema.

Abrirá o espectáculo por um prólogo em verso, por Cristovão Aires (filho).

Completará o programa da recita, cujo produto se destina a favor das Oficinas de S. José; um acto de caridade que constará dos seguintes números: «Bailados», pela menina Margarida Belmarço Pereira de Carvalho; «canto», por D. Maria Regina Silva Carvalho Vieira, e «Boite à surprises».

A casa encontra-se tomada por tudo que de melhor conta a nossa aristocracia e corpo diplomático.

No Nacional — Na próxima semana, realiza-se, no teatro Nacional Almeida Garrett, a anunciada recita de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade da qual fazem parte as seguintes: D. Ana Teles da Silva (Tarouca), condessa da Esperança, condessa da Torre, D. Joana Teles da Silva (Tarouca), D. Maria Cristina de Guimarães Rino, D. Maria Ilda de Campos Soares, D. Maria José de Aboim do Quental e D. Maria Teresa de Melo Saldanha Quintela (Farrobo), e cujo produto se destina a favor do Seminário de Santarem.

O programa compõe-se de um acto de recitações pela ilustre declamadora sr.^a D. Georgina Cardoso dos Santos, entremeada de cânticos, escritos expressamente para esta festa pelo maestro compositor sr. Hermínio do Nascimento, e de cenas de prestidigitação por um distinto amador pertencente à nossa sociedade elegante.

Segue-se a representação coreográfica de uma efabulação original da sr.^a D. Maria Augusta de Sampaio Forjaz Trigueiros, intitulada «O Sonho do Pobresinho» com música do inspirado compositor sr. dr. José Augusto Coutinho de Oliveira, por um gracioso grupo de gentis crianças.

Fermina a festa pela exibição de um filme, cujo entrecho é da autoria do inspirado poeta sr. dr. Afonso Lopes Vieira, intitulado «O Afilhado de Santo António», cuja acção decorre nos jardins do Palácio Fronteira, tomando parte um brilhante grupo de crianças.

Com esta recita vai decerto o Nacional ser um elegante ponto de reunião da nossa sociedade elegante.

CASAMENTOS

Na capela do Palácio dos srs. Condes das Alcaçovas, à rua de Santo Antão, que se encontrava artisticamente engalanada com grande profusão de flores e lumes, sendo celebrante o prior da freguezia de S. José, reverendo

dr. José Alves Lirio, que no fim da missa fez uma comovente alocução, realizou-se o casamento de sua gentil filha D. Maria Luiza, com o sr. Visconde de Taveiro, filho da sr.^a D. Quitéria Gil de Borja Macedo e Menezes de Melo e do sr. António Vasco José de Melo (Santar).

Serviram de madrinhas as sr.^{as} Condessa da Ponte e D. Maria de Lancastre de Almeida Garrett, respectivamente tia e irmã da noiva, e de padrinhos os srs. Conde de Santar e D. Sebastião Gil de Borja Macedo e Menezes, tios do noivo. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimónia religiosa, durante a qual foram executados no órgão vários trechos de musica sacra, foi servido no magnifico salão de mesa um finissimo lunche, seguindo os noivos depois para o solar de Santar, na Beira Alta, onde foram passar a lua de mel.

A noiva vestia uma elegantissima «toilette» em crêpe setim, com manto de rendas de Bruxelas, preso com uma artistica grinalda de flor de laranja.



A sr.^a D. Maria João de Lemos Marques da Silva, filha da sr.^a D. Adelina Antónia Marques da Silva, e do engenheiro sr. António Maria da Silva, e o sr. António Rivera dos Santos Gomes, filho da sr.^a D. Maria Graziela Gomes e do sr. João Gomes, já falecido, por ocasião do seu casamento realizado na paróquia igreja de S. Sebastião da Pedreira, no dia 3 do corrente

dreira realizou-se, com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Maria João de Lemos Marques da Silva, gentil filha da sr.^a D. Adelina Antónia Marques da Silva e do ilustre engenheiro sr. António Maria da Silva, com o sr. António Rivera dos Santos Gomes, filho da sr.^a D. Maria Graziela Gomes e do falecido banqueiro sr. João Gomes.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Alice Pais Borges, e de padrinhos o pai da noiva e o sr. José Pais Borges, sócio-gerente da Casa Tota.

Finda a cerimónia religiosa foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finissimo lunche, seguindo os noivos depois para Espanha, onde foram passar a lua de mel.

LIÇÕES DE CANTO

POR M.^{ME} LEITE DINIZ

Especializada na preparação e impositação da voz

Discipula em Milão da celebre Galetti e do notavel professor Cesare Rossi

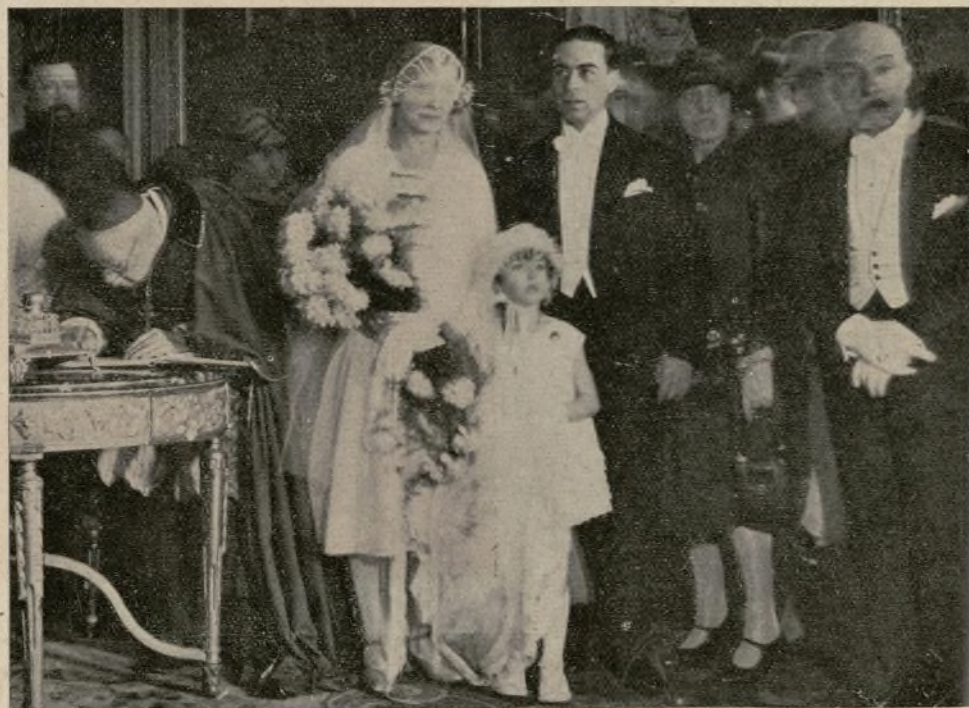
Lições em curso e particulares em sua casa e em casa dos discípulos

Dão-se todas as informações na

RUA SAMPAIO PINA, H 1 A, 3.º D.

(Parque Eduardo VII)

e na redacção da "VOGA"



A sr.^a D. Lucinda Cardoso Pessoa com o sr. dr. Joaquim Mendes Belo Correia, por ocasião do seu casamento, realizado na capela do Palácio do Patriarcado, ao Campo dos Mártires da Pátria

ESPARTILHOS E CINTAS



"POMPADOUR"

OS MELHORES
OS MAIS RESISTENTES
E OS MAIS ELEGANTES

"A POMPADOUR"

CASA DE ESPARTILHOS E CINTAS

28 — Chiado — 30

ARTIGOS UTEIS PARA PRESENTES — GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS Rua de S. Bento, 120 Telefone T. 801

RECEITAS CRONICA DA SEMANA SEGREDO S DOMESTICOS

MODOS DE VÊR

O PEIXE COSIDO

PARA que o peixe cosido possa ser servido tão firme como se estivesse vivo e tão alvo como madre-pérola, basta deitar meia colher de bom vinagre na água em que fôr cosido.

PARA FAZER UM QUARTO MAIOR

UM dos processos mais simples para fazer com que um quarto pareça maior, consiste em colocar um guarda vestidos, um tocador ou qualquer outro móvel com um espelho de boas proporções, voltado para a janela ou em frente da porta, de maneira a provocar a ilusão de que o quarto é assim muito mais vasto.

A MAIS ANTIGA DE TODAS AS ARTES

CABE, como sempre, à mulher a glória de ter sido a iniciadora da mais antiga de todas as artes: a «Costura».

Em muitas escrituras da antiguidade várias passagens podem ser lidas, revelando o aperfeiçoamento atingido pela arte de coser as vestes e tunicas dos dandies de então.

As primeiras tribus nomadas que constituíram a aurora da presente civilização, habitavam tendas ambulantes cujas telas eram cosidas com hastes de plantas ou ossos de animais.

Nos últimos séculos da civilização grega, as habitantes de Atenas celebrizaram-se pela sua extraordinária pericia e competência artística em executar os mais belos trajes que caracterizaram para todo o sempre a beleza admirável das mulheres gregas.

As agulhas de aço sómente começaram a ser usadas no século XVI, mas o seu preço era então tão elevado que as gentis costureiras dessa época não conseguiam obter com o preço de um vestido, uma quantia mais do que suficiente para adquirir três agulhas!

Essas agulhas assemblavam-se então bem mais a verdadeiros estiletes do que às finas e quasi invisíveis pontas de aço actualmente em uso.

Há relativamente pouco tempo, cerca de cento e cinquenta anos, as agulhas entraram então em uso vulgar, podendo facilmente ser obtidas por um preço mínimo em comparação com a sua utilidade.

Não devemos contudo pensar que na Idade Média não era possível executar verdadeiras obras de arte em costura por as agulhas serem constituídas por astes de madeira ou de osso.

Tal ideia é vencida pelo facto facilmente verificável de que nessa época as costureiras especiaes dessa Arte, conseguiram bordar as mais admiráveis tapeçarias de todos os tempos utilizando essas agulhas de osso e de madeira.

E quantas elegantes, orgulhosas da beleza das suas «toilettes» luxuosas, se esquecem de que toda a arte e manufatura dos seus trajes está sem dúvida alguma, dependente da existência dessa fina haste de aço: a agulha!

3.º — O retrato do premiado, grande fotografia de arte.

Ao segundo premiado caberão os seguintes prémios:

1.º — Uma colecção completa da biblioteca infantil editada pelas Livrarias Aillaud & Bertrand L.^{da} e primorosamente encadernada.

2.º — Uma assinatura anual da Voga.

3.º — O retrato do premiado, grande fotografia de arte.

Aos premiados em 3.º e 4.º lugar cabem os seguintes prémios:

1.º — Retrato do premiado, grande fotografia de arte.

2.º — Uma assinatura anual da Voga.

As fotos de arte dos 4 premiados serão expostas no

SALÃO DA ELEGANCIA FEMININA E ARTES DECORATIVAS

Que nenhuma das nossas leitoras deixe, pois, de nos enviar os retratos dos seus bebés! Qual delas não terá orgulho em vêr, arquivada nas nossas colunas, a figurinha gentil dos seus pequenitos? Qual das nossas assinantes não alimentará a esperança de que os seus bebés sejam os primeiros classificados?

Que todas, pois, concorram ao

CONCURSO DA BELEZA INFANTIL ABERTO NA VOGA SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

VOGA, SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER é a melhor e mais barata das publicações do género em lingua portuguesa.

OS gregos, estetas e filósofos, tinham pela beleza humana o maior apreço — e no Egito as rainhas, sabendo bem, mesmo sem o auxilio de Isis, que é a beleza feminina o seu principal prestígio, cuidavam de si como os estatuarios das Deusas.

Egípcios e gregos legaram-nos os seus inestimáveis tesouros artísticos, as suas estatuas esbeltas e as suas pirâmides colossais, e legaram-nos também, herança igualmente inestimável, o segredo da beleza duradoura e sã.

O caruncho do tempo roe-nos a beleza e o pior é que, em geral, nos deixa jovem a alma. Quanta alma moça não há aí dentro dum corpo cheio de rugas?

A dôr trágica de envelhecer é de todos os povos e de todos os tempos.

Os homens são compensados na velhice por um maior prestígio, por um maior valimento — em quasi todos os povos tem havido um Conselho de Anciãos acatado e respeitado. A sua velhice é sinal de sabedoria — as suas barbas brancas consideradas veneráveis.

Mas, nós as mulheres, o que é que nos recompensa das nossas rugas e das nossas câs? A mulher deve defender a sua beleza como o avaro o seu tesouro.

Não importa que trabalhe na sua casa, que tenha uma vida cheia de cuidados e preocupações. Enquanto é tempo deve reservar uns momentos por dia para distanciar a ocasião em que o marido lhe note a primeira ruga ou o fio de linho do primeiro cabelo nevado.

Onde os estragos do tempo primeiro se evidenciam é certamente no rosto — e é a pele a primeira a acusar inexoravelmente os anos decorridos. Convém pois cuidar da pele amoravelmente, dedicadamente.

Uma das coisas que melhor resultado produzem, desde gregos e egípcios, para conservar a pele fresca e lisa é, evidentemente, a maçaagem, mas a maçaagem racional e sistemática.

Para isso deve utilizar-se um crême bom, (a Voga vai dentro em pouco lançar os seus magníficos Produtos de Beleza) de bom fabricante, e untar com êle a testa, as cantos dos olhos e os cantos da boca. Depois com os dedos indicador e máximo unidos e embebidos também no crême fazer a maçaagem desses pontos tendo sempre o cuidado de a fazer de cima para baixo e de dentro para fóra.

Para não irritar a pele convém, logo que séque, tornar a untar o ponto em que se quer fazer a maçaagem. Basta que em cada dia se faça uma vez a maçaagem e que em cada vez se unte duas vezes.

Com a maçaagem consegue-se até corrigir feições, principalmente os sobrolhos.

Há pessoas cujos sobrolhos descaiem demasiado sobre o nariz desfeitando um pouco os próprios olhos.

Consegue-se facilmente corrigir este defeito. Basta para isso que se faça diariamente a maçaagem no sentido em que se deseja os sobrolhos. Por exemplo: puxá-los repetidas vezes o mais alto possível junto do nariz e fazelos descair no sentido do canto exterior dos olhos, deixando escorregar, mas carregando, os dedos ao longo dos sobrolhos, isto repetidas vezes em cada dia.

Na maçaagem da pele é claro que o crême tem uma grande efficácia também, pois se a maçaagem torna a pele elástica e fresca, o crême torna-a macia e regivora-a levando-lhe alimento vivificante. Deve, pois, haver o máximo cuidado na escolha dos crêmes a usar. Ainda não há muito Voga deu aqui receitas facilmente realizáveis nesse sentido. Porém actualmente a Voga está em negociações com uma importante casa de Produtos de Beleza de Paris para a criação de produtos especiaes cuidadosamente seleccionados e preparados sob os mais científicos processos.

Serão produtos que as nossas leitoras poderão usar com confiança e na certeza de que utilizam por um preço razoavel o mesmo produto que no estrangeiro é disputado por altos preços.

É que para a criação dos produtos Voga o nosso semanário conseguiu contractos excepccionais.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O QUE NÓS PRETENDEMOS

VOGA Não pretende ter lucros materiais com o SALÃO DA ELEGANCIA & ARTES DECORATIVAS: pretende, sim, realizar um espectáculo europeu.

CERTO quotidiano francês, preocupado com os grandes problemas da Humanidade, abriu agora nas colunas opíparas um inquérito destinado por certo a felicitar os povos: saber em qual das profissões do homem se rouba melhor o próximo.

Como as leitoras estão vendo, este problema bem se poderá colocar ao lado dos que, há séculos, afligem Adão de Barros e sua respeitável consorte. Ora, pertencendo eu ao número dos componentes da mísera Humanidade, a questão interessa de perto a minha humilde pessoa e nem por um decreto me dispense de pôr aqui em pratos limpos o meu depoimento, muito embora as margens do Tejo que não as do Sena, hajam tido a honra de ser o meu berço... Oçam pois, tanto mais que, tendo eu na família profissões de todo o género, ninguém me poderá acoiar de parcial: eu, se pudesse, tinha apenas o único officio agradável — o de proprietário, muito embora um certo sr. Proudhon se lembrasse de afirmar que a propriedade é também uma forma de ladroeria!...

Não há classe nenhuma que detenha o exclusivo de ir às algebeiras do próximo. A velha afirmativa de que os comerciantes têm como padroeiro Mercúrio, deus dos ladrões, é coisa por demais refutada. Neste mundo todos roubam quanto podem — desde o marechal Massena, Príncipe de Essling e o maior ladravaz que pisou terras lusitanas, até ao homem do talho que nunca me trouxe um quilo de lombo que tivesse mais de setecentas grammas de osso. Rouba tudo, minha gente, é o lema de quantos vivem sobre o mundo. Senão vejamos:

De que vive o literato, por exemplo? Se ver-seja, impinge por uma dezena de escudos umas tantas ou quantas rimas sensaboronas a falar dum amor imenso que não sentiu e dum choro alto e dolorido que não chorou. E larga para cá doze escudos, que é quanto deverá custar qualquer chanfana da taberna de Apólo!... Temos pois roubalheira no caso!... Se escreve romances, primeiro que tudo trata de saber que assuntos estão mais em moda, pouco ou mesmo nada se lhe dando de que pior tornem a Humanidade. Succede mesmo que, na maior parte das vezes, passa a letra de fôrma as poucas vergonhas da sua vida e exige por elas obra aí de doze a vinte escudos. Continuamos pois em frente dum ataque às algebeiras do nosso semelhante e o resto é boato!

Se destas intellectuais e lucrativas profissões passarmos a outras, motivo não teremos também para regosijo. Isto de roubar é questão de verga e tempo, como em casa do cesteiro. Os médicos são realmente os homens mais íteis à Humanidade mas, se lhes dá para levar a camisa ao seu semelhante, nem um farrapo da fralda lhe deixam ficar... Os elementos do professorado, para nos presentear com uma felpuda raposa e uma tarefa colectiva por parte da família, exigem dezenas e dezenas de escudos, a que chamam propinas por desdenharem nome mais popular e condizente... Os farmacêuticos, se adrega de aparecer — como já succedeu desgraçadamente! — uma pneumonia,

impingem farinha em lugar de quinino e argamassam uma fortuna sobre um montão de cadáveres. Os banqueiros negociam com dinheiro que não é deles: os saloios vendem, pelo preço dos diamantes, escrescências bovinas a que dão o nome pomposo de nabos, e pedaços de sola recortada a que, liricamente, chamam couve lombarda...

Como vêem, todos entram pela algebeira do próximo e nenhuma profissão tem o exclusivo dessa habilidade, seja-se mercieiro ou advogado... Advogado? eu disse advogado? Os senhores sabiam que, segundo uma piedosa lenda bretã, até hoje e depois de Santo Ivo, celestial padroeiro dos causídicos, nem mais um destes senhores entrou no céu? Conhecem as palavras sagradas da panegírico de Santo Ivo? *Advocatus fuit, non latro; res miranda populorum!* — «Foi advogado e não ladrão, coisa de que as gentes se admiraram». Ora então lá vai uma história:

Certo advogado estava um dia no escritório, congeminando na melhor maneira de pagar umas contas do alfaiate. Ao lado, a esposa, fazia bordados por uma das folhas de certa revista feminina que escuso de nomear... Nisto, entra-lhe pela porta o Anacleto sineiro, compadre do advogado:

— Oh sr. doutor e compadre: eu vinha cá por causa daquele ladrão do Vicente da Loja! Mandei-lhe lá para casa uma vaca, para êle me guardar enquanto eu andei lá por Lisboa e o alma do diabo agora recusa-se a entregar-ma!...

— Isso é fácil de resolver! Vocemecê, tem testemunhas de como lhe entregou a vaca para êle guardar e de como êle se recusa agora a dar-lha?

— Ora essa, sr. doutor! Tenho tôda a aldeia em péso a testemunhar por mim, sr. doutor!

— Bem: deixe ficar aí duzentos mil réis para preparos e vá-se sossegado que a vaca é sua!...

O homem foi-se embora e nisto entrou o Vicente da Loja, compadre também do causídico.

— Oh sr. doutor e compadre: eu vinha cá por causa duma vaca!... Aquele ladrão do Anacleto sineiro mandou-me lá para o curral uma vitelita, deixou-a lá estar anos e anos, nunca me pagou as forragens, diz que me não paga nem cinco réis cortados ao meio, e, agora, quer que eu lhe entregue a vitela que eu fiz vaca, sr. doutor!...

— Oh homem! isso é fácil de resolver!... Você tem testemunhas de como o Anacleto sineiro lhe entregou a vaca em vitela, nunca lhe pagou as forragens e não as quer pagar?

— Oh sr. doutor, ora essa! tenho tôda a aldeia a testemunhar por mim, sr. doutor!

— Bem: deixe ficar aí uns duzentos mil réis para preparos e não tenha medo: a vaca é sua!...

Mal o Vicente voltou costas, a mulher do advogado, voltando-se para êste, perguntou-lhe altamente intrigada:

— Ó João: mas, afinal, de quem é a vaca?

E êle, voltando pachorrontamente as folhas dum manual de Direito Civil:

— Ora! de quem é que há de ser?... É nossa!...

ROSA TIRANA.

OS CONCURSOS DA VOGA AS NOSSAS LEITORAS E ASSIGNANTES CONCURSO DE BELEZA INFANTIL

Tem obtido um êxito fóra de toda a expectativa o concurso que Voga, semanário ilustrado da mulher, abriu entre as suas leitoras e assignantes, afluindo constantemente à nossa redacção retratos e mais retratos de lindíssimos bebés. Como desejamos que todas as nossas queridas leitoras e assignantes possam concorrer, aqui apresentamos de novo as condições do concurso em questão.

Atendendo, porém, a que motivos imperiosos e que noutra página deixamos expostos, nos forçamos a adiar a abertura do Salão da Elegância Feminina e Artes Decorativas, e não urgindo, portanto, apertar o prazo concedido para a remessa das fotos dos bebés das nossas queridas leitoras, resolvemos por isso ampliar o dito prazo conforme abaixo vai indicado.

1.ª Para admissão ao Concurso da Beleza Infantil o bebé deverá SER FILHO DE UMA ASSINANTE. Serão igualmente admitidos a concorrer todos os bebés cujas mães ou papás se inscrevam como nossos assignantes.

2.ª Não terá idade superior a oito anos.

As fotografias — que deverão ser muito nítidas — têm de estar nesta redacção até ao dia

Ao primeiro premiado serão entregues os seguintes prémios:

1.º — Todos os livros de literatura infantil editados até então pelas Livrarias Aillaud & Bertrand L.^{da}, bem como todos os que se publicarem do mesmo género e os quais serão enviados à mamã do 1.º premiado até que êste prefaça doze anos.

2.º — Uma assinatura anual da Voga.

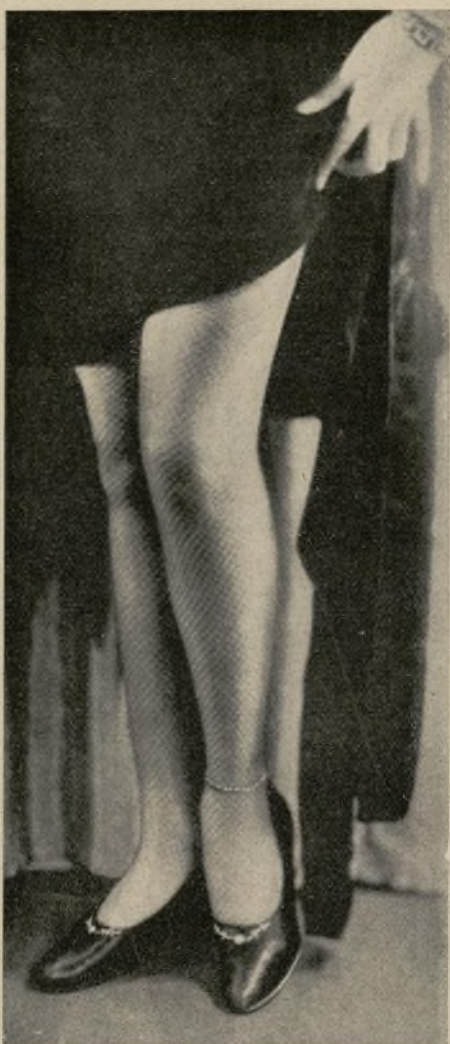
Todas as grandes casas de costura, de chapéus, de perfumes, de peles, de artigos chics de

PARIS, abrem hoje novas instalações nos Campos Eliseos. E' no coração desse bairro da Europa que está um

HOTEL PORTUGUÊS,

cujos confortos, honestidade, preços modicos o recomendam melhor que todo o réclame.

É o HOTEL DE DELFT — 30, Rue Montaigne — Hotel para familias e senhoras que viajem sós. — Peçam prospectos.



AS MODAS EM VOGA

A MODA E A
SIMPLICIDADE
ARTISTICA DA
MODERNA ROU-
PA BRANCA :

AS RENDAS E OS
TECIDOS LEVES
NA CONFECCÃO
DOS ADEREÇOS
FEMININOS :

N.º 5—Pijama em crepe da China «vieux rose» bordado a dourado. É este pijama dum maravilhoso conjunto de elegância e duma linha muito harmoniosa e simples que muito agradará às nossas leitoras.

N.º 6—Combinação em setim lilaz e tule. Pequenas bolas e um largo recorte são o

único trabalho desta combinação que no entanto é duma graciosidade encantadora.

N.º 7—Touca em crepe da China, azul pálido, e rendas. Nesta touca o crepe é todo franzido aos lados formando assim um dos mais encantadores efeitos que se pode obter neste pequeno elemento do vestuário feminino.



UMA das coisas femininas em que a moda moderna mais radicalmente operou, foi na antigamente denominada «roupa branca», — nos chamados adereços hoje designados pelo francesismo de «parures» — pois passou a ter, como a luz do sol ao passar pelo prisma, todas as cores do arco-íris e suas derivadas.

Onde estão as amplas e longas roupagens íntimas das nossas avós, os «camisões de dormir», as «combinações», essas «anaguas» folhudas, tudo cheio de bordados, de refolhos, tudo amplo e comprido, feito de tecidos compactos, fortes e brancos? Cada uma de nossas avós trazia por baixo do vestido uma peça inteirinha de pano, a apagar-lhe por completo as formas.

Hoje, a simplificação chegou ao extremo de, numa só peça de fina opale, se reunirem três das antigas peças — a camisa, a calça e a saia.

O bom gosto hodierno, combinando tons e criando novas cores, finas, suaves e elegantes, veio trazer aos «adereços» uma nova originalidade, um novo encanto.

Caladas à pele, finas, delicadas, temos verdadeiras maravilhas de arte, sabiamente imaginadas nos seus pormenores de decoração, nos seus tons habilmente combinados.

O «crêpe-da-China», a «opale», a seda lavavel, vieram trazer a esses mimosos trages, que cabem numa mão fechada, um encanto subtil, um requinte de beleza.

As rendas, postas de parte por algum tempo, voltaram, mas aproveitadas com mestria — e a eterna graça alada das rendas, a sua delicadeza, a sua gracilidade, empregadas agora com discrição, com segurança, de novo alcançaram a sua realza — a suave realza da Renda, irmã das realzas da Espuma, da Neve, da Nuvem diáfana, e da realza branca e leve das penas das niveas pombas.

Bendito seja o teu regresso, deliciosa amiga, benditos os pequenos arabescos que a tua trama, linda e miudinha, vem desenhar sobre a pele.

Como é que os vestidos poderiam cair direitinhos, pela linha moderna, se interiormente não tivessem essas «parures» finas e escorregadias?

Uma mulher elegante e distinta põe o mesmo sensato cuidado na escolha da roupa íntima que põe nas «toilettes» exteriores.

Depois, hoje, ha cores tão lindas, tão próprias, tão bem achadas, que tudo concorre e se auxilia para a fácil confecção duma roupagem linda. O alaranjado, o «bois-de-rose», o creme, o rosa, o azul, o verde pálido, o lilaz, o ocre, e até o cinzento, combinados, em várias gradações e intensidades, estão ao dispor do vosso bom gosto para fazer essas íntimas confidências das formas femininas que são as gentis «parures».

Escolham pois :

N.º 1—Linda camisa de noite em crepe da China rosa pálido e rendas creme. Um bordado, composto de pequenas rosinhas e de um laço Luís XV, completa-lhe a elegância requintada.

N.º 2—Simples e elegante combinação em seda branca, com duas largas rendas duma finura admirável, formando o «empiècement» e a parte inferior da saia.

N.º 3—Touca em seda branca e rendas : emoldurando o rosto, a renda franzida e toda semeada de rosinhas multicores completa a sedutora graça desta linda touca de dormir.

N.º 4—Camisa e calça em fina «opale» azul enfeitadas ambas com rendas e bordado inglês.



INTERIORES ARTISTICOS

MODERNAMENTE surgiram na decoração de interiores várias teorias dos mestres da matéria. Porém quasi todos elles estiveram de acordo em que a sobria simplicidade do bom-gosto seria o fulcro do qual toda a boa decoração difficilmente se afastaria.

Duas intenções norteavam esses decoradores : a hygiene e a elegância : — uma, a saúde do corpo ; a outra a saúde do espirito estético.

Principalmente os quartos de dormir mereceram um especialissimo cuidado e atenção por

(Continua na pág. 8)



M A L A S E BASTOS SILVA, L.^{DA}
CARTEIRAS ALTA NOVIDADE Rua de S. Nicolau, 81

Uma roseta feita de renda é colocada de cada lado da touca, tornando-a ainda mais sedutora e favorecendo imenso o rosto.

N.º 8—Pijama em setim creme enfeitado com um lindo «empiècement» em renda no mesmo tom. A simplicidade dos pijamas ainda é o que melhor lhes fica, pois um pijama muito complicado tornar-se-hia ridículo, inestético e incomodo.

N.º 9—É esta uma deliciosa «parure» toda branca e vaporosa para uma noiva. A calça e a combinação aqui apresentadas são do mais fino e delicado bom gosto.

A sua maior beleza consiste na riqueza dos tecidos e não nos enfeites e bordados. É, em beleza, discrição e bom gosto, digna de figurar no lindo enxoval de noivado da mais gentil das nossas leitoras.

N.º 10—Esta touca, que foi buscar a sua linha estranha às toucas holandesas, é muito interessante e tem grande facilidade de se ajustar bem a todos os rostos.

Feita toda em rendas, tem a guarnece-la uma estreita fita formando arabescos em volta de toda a touca.

De cada lado uma flor e quatro folhas rematam a mesma fita que segue direita em volta da cabeça.

Tambem hoje damos, nesta mesma página duas fotografias de novas tentativas para se alterar o uso das meias.

Não nos compete nesta altura aconselhar ou condenar o que obedece apenas ao critério pessoal de cada um. Devemos dar conta das inovações e manter as nossas leitoras em contacto permanente com todos os pormenores da evolução da moda feminina.

Pelas fotografias verão as leitoras em que consiste essa moda : — no alargamento das malhas a ponto de formarem pequenos quadrados.

Temos tido meias com baguete, e meias com ou sem costura. A meia negra ficou apenas reservada para o luto. As meias de cor, combinadas com os tons dos vestidos foram unanimemente aceites. Mas já, irrequietamente, se estudam novas invenções.

Não é a primeira vez que se pensa na alteração das malhas das meias. Já no verão passado essa tentativa se fez nalgumas praias elegantes. Porém a malha era demasiado larga e era como que se não se usasse meia — e o bom senso matou essa moda.

Desta vez porém o alargamento das malhas é ligeiro — apenas o suficiente para que se notem os pequenos quadrados que forma.

Esta moda destina-se principalmente às praias pois succede muitas vezes entrar areia fina através das malhas das meias hoje usadas, areia que só difficilmente sai sem se descalçar a meia e que fica magoando a epiderme. Com a malha mais larga já os pequeninos grãos se não prendem.

E de novo chamamos a atenção das leitoras para os nossos modelos de «adereços» aqui dados : as toucas, as camisas-calças, as combinações. A propósito de combinações lembra-nos a frase duma senhora de espirito que um dia disse para uma rapariga que se dispunha a ir cortar e fazer uma combinação :

— Sabes qual é a mais linda «combinação» que uma mulher pode fazer ?

— ?...

— A mais bela «combinação» que uma mulher solteira pode fazer — é o casamento!

A combinação do casamento faz-se uma vez na vida — as «combinações» de vestir fazem-se sempre...

Nenhum toucador de mulher moderna poderá dispensar os *Productos de Beleza* que *Voga* vai apresentar em breve

CARTA DE PARIS

ESTAMOS em pleno período das coisas belas... E já não vem sem tempo para nos encorajar a fazer os nossos trabalhos de costura, os arranjos de vestidos. Já há quem pense em férias o que fará parecer menos longo o tempo que d'ellas nos separa. E a verdade é que tudo nos incita a uma vida mais superficial, mais movimentada do que outrora.

Com todos os aperfeiçoamentos da velocidade, chega-se a viver dentro dum verdadeiro turbilhão... E, assim, ontem, entre as visitas e o chá das cinco, tive artes de arranjar tempo para ver desfilar uma colecção de vestidos de primavera. E eu, que já julgava ter-se esgotado a fantasia em questões de novidades da moda, eu que acreditava impossíveis quaisquer novas combinações, cá das nuvens ao ver o desfile a que me reporto.

Põe na tua idéa, querida, salões e salões a botar por fóra de novos modelos e comprimindo-se em redor d'estes uma deusa multidão ansiosa de os contemplar.

Após uma quantidade razoável de vestidos de desporto, de sweaters e saías de lã, oiço um grilo de admiração: começava o desfile dos vestidos corte de alfaia. As saías eram abotoadas à frente.

Tratava-se de tailleurs criados expressamente para os banhos de sol à beira-mar pois que, sob o aspecto simples e correcto, escondem o maillot de banho, em seda, e o qual ajuntado ao elegante conjunto toma o lugar do corpinho do vestido. Por estes dias te enviarei reproduções fotográficas desta recentíssima invenção.

Por hoje limito-me a enviar-te dois chapéus. Um deles muito simples, para ser usado de

O outro mais complicado, em palha fina, bengal. Duas flores em veludo branco e veludo preto são colocadas sem mais nada sobre as abas do chapéu.

Embora muito simples este modelo é... como se poderia dizer, muito enroupado.



Na próxima semana vou estar fóra dois dias. Escrever-te hei no meu regresso.

Beijos da tua tia

NUELMA.

DURANTE AS HORAS DA COSTURA

HENRI Ford, o homem que mais automóveis constrói e o industrial que mais discursos profere e livros escreve, fez, há dias, em Londres, a seguinte afirmação:

— Estou convencido de que as idéias mais fecundas, para os meus negócios, me acodem ao espírito, de manhã, quando me barbeio.

Mark Twain, um dos mais célebres escritores humoristas, declarou que, cada vez que ao barbear-se, golpeava o rosto, ficava muito regosijado com semelhante incidente. É porque — dizia — no momento em que se feria a sua imaginação tinha resolvido o mais complicado fio de entrelhe dos seus contos. E acrescentava, com um ar grave:

— Em todo o caso, o meu pensamento era sempre mais profundo do que os meus golpes.

E as senhoras em que pensam — não quando se barbeiam, bem entendido — mas nas intermináveis horas consagradas à costura?

Por onde erra o seu espírito, quando a agulha, entre os seus dedos, executa sobre a brenta ou a seda, giros lentos e rítmicos?

Há bordados que sendo verdadeiras obras de paciência, constituem admiráveis pormenores psicológicos, por tal forma a sua duração está dependente do estado de alma da mulher que os executa.

Se é uma amorosa, o bordado vai surgindo lento, lento como um prazer que, constituindo a alegria suprema duma vida, se prolonga com uma voluptuosidade infinita. Se é uma mulher que vive num grande desgosto, o bordado conclui-se veloz como o pensamento dos grandes exasperados.



manhã e para as corridas. É em grossa palha, muito brilhante, a qual como sabes tem actualmente a preferência em questões de moda.

Muito cloche, uma larga fita de setim preto forma-lhe a copa e cá-lhe amplamente dos lados. Uma fivela de fantasia segura esta guardião.

O ULTIMO FILME DE CLAUDE FRANCE

CLAUDE France, que num momento de exasperação recorreu ao expediente trágico do suicídio, era uma das mais lindas mulheres que trabalhavam nos studios.

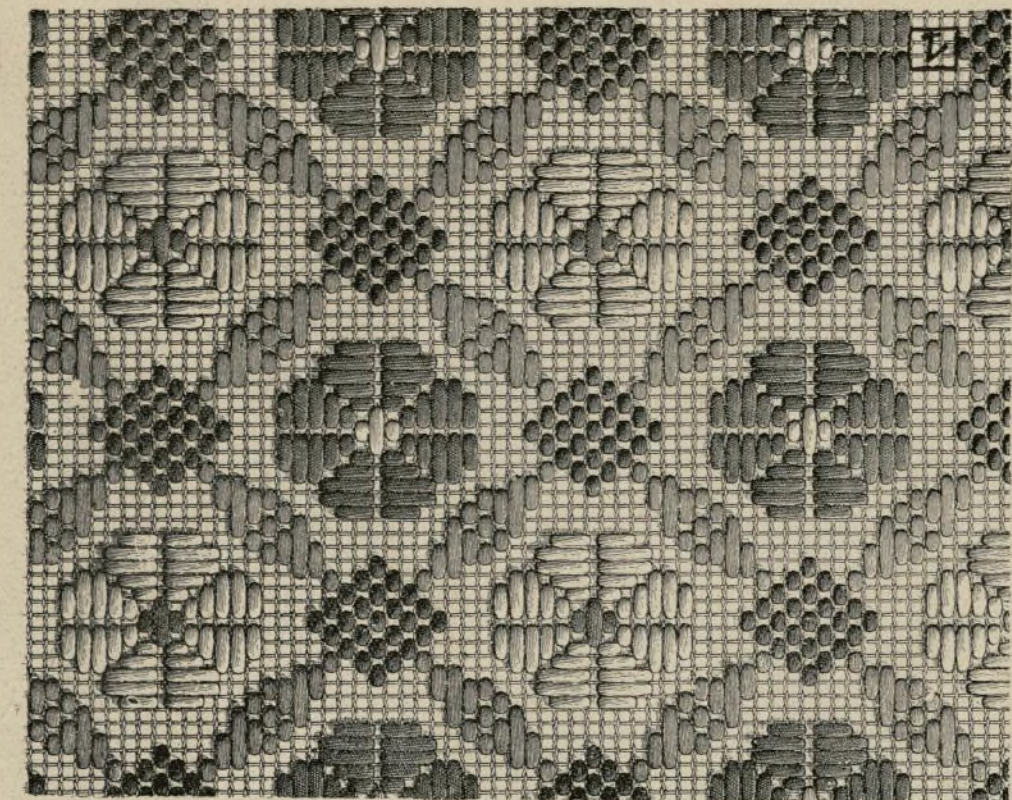
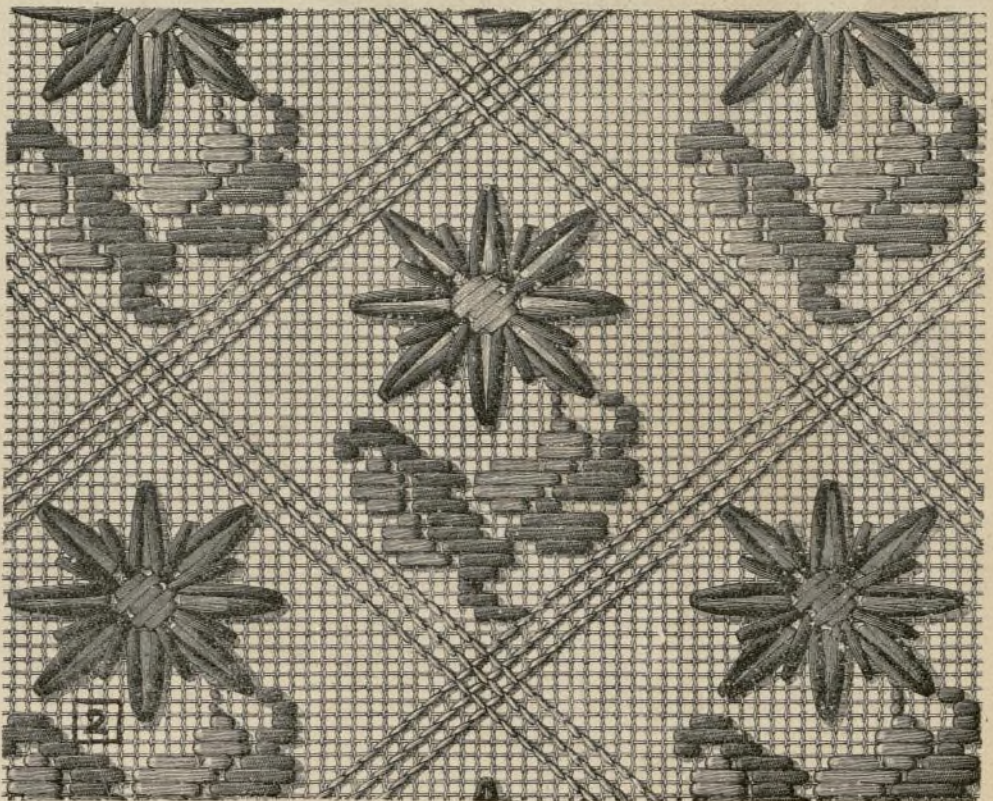
No seu último filme, que será exibido em Lisboa, dentro dalguns meses, Claude France interpreta a heroína, uma mulher que após mil desilusões, incapaz de acreditar na felicidade e no amor, se lança no turbilhão duma vida errante.

Quem sabe se, interpretando essa heroína, Claude France não apressou a sua morte?

Porque, embora se ignorem os motivos do seu suicídio, é fácil de conjecturar que ela não acreditava na felicidade e no amor a não ser no tempo pretérito.

Qual é a mulher bonita que acreditando numa e noutro, seja capaz de se precipitar deliberadamente na morte?

Quem no seu lar possui a VOGA, o MAGAZINE BERTRAND e a ILUSTRAÇÃO, — tres grandes revistas modernas e unicas no genero em Portugal — dá mostras de ser uma creatura do mais requintado bom gosto.



BORDADOS E RENDAS

TRABALHOS A CORES SOBRE "FILET"

GENTIS bordadoras de dedinhos ageis, debruçados sobre os seus bordados, nós vimos trazer-vos novos modelos lindos para os vossos trabalhos.

Desta vez tratamos de bordados a cores sobre filet.

Podemos dividir os compartimentos das nossas habitações em duas categorias: os serios, solenes e austeros — e os alegres, despreocupados e carinhosos.

Na primeira figura a sala de receber, o escritório, o quarto de dormir, em que a decoração deve ser sóbria, elegante distinta.

No segundo temos a casa de jantar, o quarto de costura, a saleta de espera, o quarto das crianças em que a decoração deve ser garrida, alegre e clara.

É indiscutível que o que nos cerca, os móveis, as paredes, a paisagem, tem sobre nós uma acção decisiva, sobre o nosso espírito, sobre os nossos hábitos.

Ninguém sente vontade de gritar numa igreja; todos sentem vontade de fazer barulho numa feira.

O que nos cerca forma o ambiente. Nesses compartimentos onde mais vivemos, excepto o escritório feito para pensar e trabalhar em silêncio, devemos pôr coisas alegres, coisas que nos desanuviem o espírito, lhe de msaude, paz e felicidade.

Esses compartimentos são a casa de jantar, que deve ter o ambiente higiénico e afável para nos dispor a ingerir bem dispostos o nosso pão de cada dia; o quarto de costura, onde tanto tempo se passa a trabalhar; e a saleta de espera, que deve ter um ar acolhedor, risonho, meigo.

A decoração destas casas deve portanto obedecer a estes quesitos.

Nas paredes cores alacres, papeis pintados e cretones. Nas janelas — e é disso que vamos tratar — bordados a cores sobre filet.

Ao falar em bordados a cores, não se deve sub-entender, bordados disparatados em cores berrantes a conflituarem entre si. Ai não há bom gosto.

Pode-se bordar sobre filet a cores, mas empregando tons escolhidos com critério, com sensatês, com elegância.

E para auxiliar as nossas leitoras neste sentido que hoje temos o prazer de lhes dar dois lindos modelos em que a finura dos desenhos se completa pelo acerto das cores escolhidas.

É claro que a dimensão das malhas do filet fica ao critério da bordadora que se deve adaptar ao fim para que o trabalho se destina.

O nosso modelo n.º 1 é apenas composto por elementos decorativos geométricos em volta duma flôr estilizada. Nêle podem-se empregar dois tons de cada cor. Por exemplo: dois cremes, um mais carregado que o outro; e, a cor azul.

É claro que neste caso haverá também, dois tons de azul, um para o losango, o outro para as ligações entre os losangos.

O outro modelo (n.º 2) é formado por flores entre linhas paralelas que se cruzam. É uma flor com pé e duas folhas.

Dentro da sua simplicidade é encantador este modelo.

Nele poderemos empregar a flor em dois tons de «bois-de-roses» a folha e o pé em dois tons de verde. Um terceiro tom de verde-amarelado servirá para as linhas paralelas.

O filet empregado pode deixar de ser bran-



Vestido em seda escos seza bege e azul

Vestido de baile em "georgelle" verde bordado e pedras. Chale "georgelle" branco pintado e bordado.



Vestido em "tafel" preto e "pompador"



Vestido em crepe "georgelle" branco perola.



"Deshabillé" em selim malva guarnecido de rendas



Casaco em seda preta e ouro gola em raposa



Vestido e "jersey" em "beige" guarnecido de tons multicores



Vestido em tecido escocês



Vestido em lã estampada em azul marinho e bege, folhos debruados a seda azul. Color azul e branco.



"Cloche" em palha preta bordado e guarnecido de feltro rosa



Vestido em crepe-selim negro com flores estampadas e musselina de seda preta.



Toque em feltro bege



Vestido em crepe do China estampado, em cor de ervilha e bege



Vestido em crepe "georgelle" e rendas cremes



Vestido de baile em fitas em escala de vermelho, amarelo e rosa

Vestido em "georgelle" verde, bordado a seda azul e branca



Todas as fotologratias inseridas nesta pagina, excepto os dois chapéus, são de Manuel Frères

A PROPOSITO
DE LIVROSGUIA DE PORTUGAL, VOLUME II
— Edição da Biblioteca Nacional
de Lisboa.

Das oficinas gráficas da Biblioteca Nacional de Lisboa acaba de sair o volume II do *Guia de Portugal*. Damos esta notícia às nossas leitoras, não como uma banal informação bibliográfica, mas sim com o natural júbilo de que se interessa de verdade pelas coisas e terras portuguesas. Não se faz melhor lá fora em matéria de guias de viagem acrescentando ainda que este a que nos estamos referindo sobreleva todos os estrangeiros em virtude do carinho e cuidado literário que a ele presidiram. Percorrer uma região portuguesa com este guia nas mãos o mesmo será que fazer a mais comovida, instructiva e deliciosa de todas as viagens, no amavel convívio do melhor e mais lusitano de todos os companheiros... Não se trata duma seca e erudita descrição de terras e monumentos: o *Guia de Portugal* é por tal forma elaborado, com tanto e tão carinhoso amor, tão requintadamente literário e tão cuidadoso de bem informar quem o compulsa que, mesmo para quantos não possuam a felicidade de ter fortuna que lhes permita viajar, este Guia, no remanso do lar, será o encanto de quem percorrer com os olhos as suas páginas. Portugal vem nele descrito e apresentado na sua totalidade e, sejam quais forem os aspectos por que o analisemos, há nele matéria que baste para seduzir o espírito de qualquer leitor, literato ou geólogo, crítico de arte ou simples indivíduo que na vista das coisas, terrinhas e costumes portugueses se compraz. Os melhores trechos dos nossos autores pelo que respeita a literatura de viagens; o aspecto geral da região a percorrer; a descrição dos costumes e usanças; o exame e crítica dos monumentos de arte; a particularização deste ou daquele pedaço de paisagem mais característica; a apresentação das excursões a fazer aos sítios, quadros, palácios, quintas e lugares históricos ou artísticos; tudo nos dá este esplêndido guia o qual, pelo amor e enlevo que em nós desperta pela terra portuguesa, bem deveria com inteira justiça ser subtítulo de *Manual de portuguêsismo*. Porque, examinando bem o caso, a inundação de estrangeirismos de toda a casta há algumas dezenas de anos caída sobre nós, mais se deverá atribuir ao propósito desconhecimento de Portugal tenham os portugueses do que a toda e qualquer outra causa. Tornou-se luxo conhecer as terras do estrangeiro e desconhecer em absoluto as nossas... Creemos que isto não tem contestação porque o exemplo é de todos os tempos e todos os dias. E, sendo assim, repetimos, este *Guia de Portugal* é o melhor compêndio de civismo e portuguêsismo que se poderia apresentar à gente lusitana. Como guia de viagem propriamente dito excede o que de melhor nos poderiam apresentar os consabidos e estereis Baedeker; como promotor d'enlevo e carinho pela terra nossa não se poderá fazer melhor.

Isto pelo que respeita ao seu alto significado moral e patriótico. Pelo que toca ao seu aspecto gráfico esse é simplesmente primoroso e honra sobremaneira as oficinas gráficas de onde saiu. Nós já conhecíamos — porque as temos e guardamos preciosamente na nossa estante — as outras edições da Biblioteca Nacional de Lisboa: são todas elas utilíssimas e esplêndidas quer pelo seu valor intrínseco quer pelo seu aspecto gráfico. Mas, destinadas como são a uma parte restrita dos portugueses — os estudiosos — não possuem a utilidade geral e imediata deste *Guia*, embora, como ele, sejam credoras da nossa admiração e possuam uma benemerência que as deveria impor a todos os portugueses. O *Guia de Portugal* esse, estamos certos disso, impor-se há a toda a gente. É uma obra magnífica sob todos os aspectos e que depõe calorosamente a favor, não só de quem a elaborou como também das oficinas gráficas aonde a realizaram. Raul Proença, e com ele o punhado de portugueses que para o *Guia* contribuiu com o seu saber e o seu trabalho, quer literário quer artístico, bem mereceram da terra e das letras de Portugal. Regatear elogios a esta obra magnífica, seria uma falta de justiça de que nos não julgamos capazes. E não duvidamos, portanto, recomendar às nossas leitoras a aquisição imediata dos dois magníficos volumes já publicados deste *Guia*: o mesmo será que terem no seu lar algumas das mais formosas, mais úteis e mais portuguesas páginas da nossa literatura...

F. M.

AMABILIDADES
BOLCHEVISTAS

Os bolchevistas proclamaram a igualdade dos sexos e a independência da mulher, o que não prova que, entre eles, Eva não tenha ferozes inimigos.

Segundo refere uma revista inglesa, nalguns clubs bolchevistas encontram-se afixados disticos da natureza destes que passamos a reproduzir:

«Duas mulheres formam uma assembleia, três um inferno».

«A cabeça da mulher é tão vazia como a bolsa dum tártaro».

DE TODO O CORAÇÃO

POR MARIA DOS ANJOS

Minha querida, minha desventurada
Luiza:

ESCREVO-TE com o coração despedaçado, uma infinita agonia a desgarrar-me o espírito, os olhos rasos de lágrimas!... Deus permita que estas linhas ainda cheguem a tempo! Releio com terror a carta desvaída que me enviaste: sei-a quasi de cor e sinto-me enlouquecer quando recordo as suas palavras... Ah o ciúme!... O maldito, o execrável egoísmo do ciúme!... Como é que te fez esquecer que te não pertences a ti própria, mas a Deus, a teu marido — seja ele como for, Luiza! — e a teus filhos que não teem culpa de estar cá neste mundo! Ouve, Luiza: faz um pouco por sossegar, domina esses nervos que te arrastam para a maior das desgraças: escuta, escuta o que te diz uma pobre criaturinha, tão desgraçada como tu, ou mais!... Não tens o direito — ouves bem, desgraçada? — não tens o direito de abandonar o teu marido e os teus filhos só porque sabes que o Jaime tem uma amante! Tivesse ele centenas que nem por isso tu lograrias desculpa para o que pensaste fazer... Quem te afirmou que tinhas iguais direitos aos de teu marido, mentiu, mentiu torpemente: quiz-te lançar num monte de lama donde jámais te poderás levantar!... Esse Fernando de Lemos que tanto te perseguiu em solteira e, agora, pondo-te ao facto da atitude de teu marido, te escreve falando-te de amor eterno e a pedir-te que vás para ele, esse indivíduo é um miserável que joga com a tua infelicidade, com esse ingénuo desespero que assim

Não, minha pobre Luiza, não tenhas ilusões: os tais direitos iguais de homem e mulher só existem em romances de indivíduos solteiros ou em novelas idiotas de literatas adúlteras! É mentira, é mentira! O nosso papel é sofrer, sofrer e chorar... As péssimas acções dos outros não legitimam as nossas... E, demais a mais, o Fernando, se fôsse teu amigo como diz, cavalava-se, não ia lançar a sizania entre ti e o Jaime, não te propunha abandonares o teu lar e os teus inocentinhos!... Se ele fôsse teu amigo do coração, se ele não fôsse um miserável que busca desencaminhar o teu desvaído



te faz perder a noção do pudor e da vergonha... Porque, o teu Jaime fez aquilo que todos fazem!... E esta hipocrítica sociedade em que vivemos até acha galante que um marido atraído a esposa; quasi não compreende a fidelidade dos maridos, considerando-a coisa ridícula e obsoleta... Mas, se a esposa segue as pisadas do marido, aí dela que pagará tudo, tudo, com ignominias e humilhações incontáveis! A sociedade, fingindo dar-lhe razão, cobre-a de lama, de desprezos, de insultos: tu nem pões na tua ideia o futuro que te espera, desgraçadinha! Se atenderes as perdidas palavras do miserável que te informou de tudo; se aquiesceres aos seus pedidos, desgraçada, não passarás nunca mais de ser uma criatura à margem, uma mulher que faltou aos seus deveres, uma adúltera, uma perdida a quem todos desprezam!... Poderão falar-te, cumprimentar-te afavelmente mas, assim que voltes costas, a palavra horrível di-la-hão em segredo, olhando-te disfarçadamente; sobre ti cairão montes de lama, frouxos de risinhos torpes! Serás alvo de motejos, de desprezos, do bichanar enxovalhante das outras criaturas e das suas venenosas insinuações... Serás uma criatura à parte, à margem da sociedade... Dirão que, já antes da traição do Jaime tu eras a amante do outro; que os teus pobres inocentinhos não são filhos do teu marido; que tudo quanto se passou foi por ti recebido com júbilo porque te proporcionou a fuga com o teu amante... Fechar-se-te-hão todas as portas, e só abrirás caminho para a última perdição... Que horroroso futuro o teu, desgraçadinha!

coração — para depois te abandonar sem filhos e sem marido! — procuraria dizer-te aquilo que aqui te estou dizendo, com o coração dilacerado, a alma presa duma agonia indizível e os olhos cegos de chorar... E pensa, minha desventurada amiguinha, no que irá suceder aos teus pequenitos, abandonados possivelmente à intrusa, aos maus tratos cruéis duma horrível madrastra, aos fingidos carinhos mercenários de aias e criadas... Teus filhos verão uma estranha no seu lar, perguntarão aonde está a mamãzinha!... E, um dia, saberão que ela, cuspidinha sobre a lei de Deus, desprezando o seu lar, caçando aos pés a sua honra de mulher, o pudor e a vergonha, vive com outro: é a amante dum indivíduo qualquer!... Ah o desprezo dos filhos, o trágico desprezo dos filhos, minha desventurada Luiza!... Como é que deverá dilacerar e cobrir de desespero o coração das mães!... Pensa na Mariasinha do Ceu, nos seus cândidos três anos! Pensa no pequenino Rui: os seus inocentes olhinhos azuis não mais te verão... E se te tornarem a ver um dia, nem tu podes calcular a horrível sensação que te dará o seu constrangimento, a horrível piedade misturada de desprezo que os seus olhos deixarão cair sobre ti!... Com quanta agonia ele dirá para consigo: «Minha mãe fugiu ao marido ainda eu era pequeno!...» Horroroso! horroroso!...

Mas não! tu vais proibir terminantemente o Fernando de Lemos de voltar aí a casa, de te escrever mais, de te falar, sequer! Tu vais, não abandonar o teu lar, mas sim defendê-lo até à última! Vais tentar fazer com que o Jaime conheça o seu erro e volte para ti. Demais a mais em sei que éle te ama! Juro que éle te ama, te quer com extremos de carinho: o que se passa



é um capricho e éle não deixa de te amar, de te querer, éle tão bondoso, tão teu amigo, tão cheio de carinhos... É um capricho, juro-to, Luiza! O Jaime desvaírou e nada mais. E tu não procures tornar irremediável um mal que a

RECEITAS
DE COSINHA

A cosinha é uma ciência complicada e difícil. Dela dependem a saúde e o bom apetite. Cosinhar bem é um segredo em que entra qualquer coisa de arte — pois como a mesmo paisagem pintada por dois pintores produz obras diferentes, assim a mesma receita executada por duas pessoas não produz o mesmo efeito.

Nó entanto a base inicial e importante é ter uma boa colecção de receitas. A isso se dedica a *Voga*: às nossas leitoras são semanalmente fornecidas receitas das melhores e das mais úteis sobre cosinha:

TORTA DE ESPARGOS

COSIDOS os espargos em 3 águas, afoguem-se em cheiros que já hão de estar ao lume.

Depois de cosidos e temperados com todos os adubos e bom limão, coalhem-se umas seis gemas de ovos de modo que fique a calda grossa, e ponham-se a arrefecer. Faça-se a torta de massa, bem sovada, com manteiga, assucar, ovos e vinho branco.

Quando feito e com os espargos dentro, coza-se e mande-se à mesa.

MASSAPÃO DE COCO

UM coco ralado, meio quilo de farinha de trigo, seis ovos, (sendo só dois com clara), uma colher de água de flor de laranja. Bate-se tudo e depois junta-se 900 gramas de assucar em ponto de pasta, mexendo-se à proporção que se adiciona a calda, ajunte-se depois umas 100 gramas de manteiga e uma colher de banha e leve-se ao forno bem quente em formasinhas untadas de manteiga.

Quem não quiser ralar o coco pode utilizar a farinha já feita que se vende nas mercearias por preço razoável.

INTERIORES ARTISTICOS

(Continuação da pág. 4)

serem aqueles em que mais tempo permanecemos com as janelas cerradas. Isto sob o ponto de vista higiénico. Sob o ponto de vista decorativo, sabendo-se, como se sabe, que as primeiras — boas ou más — impressões ao acordar prevalecem pela maior parte do dia, necessário se torna que esse compartimento nos reserve aos olhos todas as manhãs aquela porção de fina elegância e beleza de que o nosso espírito necessita.

A higiene manda evitar tapeçarias e pesados reposteiros, onde o pó e outros inimigos da saúde encontram ninho. Também em nome dela se permitem poucos quadros nas paredes por idêntico motivo.

De fácil limpeza e de magnífico efeito decorativo surgiram as estatuetas.

Vejam as nossas leitoras o fino gosto e a sensatez subtil com que este elemento decorativo foi sábiamente aproveitado neste interior cuja fotografia junto reproduzimos.

Como se nota, quasi que elas por si bastam para o encanto do conjunto! Que hábil disposição lhes deram, isolando-as pelo compartimento mas de maneira que se auxiliem e amparem para a beleza do conjunto!

Reparem como tudo ali é simples e certo. O mobiliário e a decoração estão intimamente ligados pela coesão da sensatez com que tudo foi feito.

Decorativamente foi aproveitado o contraste de tons claros e escuros, desde o sistema de iluminação até ao soalrado.

É claro que em tudo isso há um sopro de modernismo, mas de modernismo belo, de modernismo artístico, de modernismo a que poderemos chamar, sem paradoxo, modernismo-clássico. Tudo nesse quarto de dormir respira hygiene, conforto e arte.

E no entanto não é difícil conseguir-se, já não dizemos igual, mas semelhante em bom gosto e estética para vós, amigas leitoras...

tua constância, a tua honra de mulher e de mãe, podem facilmente remediar... Por uns momentos deixa de pensar em ti, nas ofensas que recebeste e cuida d'ele como duma criança: se carinhosa, solícita, amável até ao extremo, procura tornar bem visível a diferença que há entre ti e a vilíssima criatura que o prende agora. Nós não nascemos para vinganças, desgraçadinha! Nós nascemos para sofrer, para sofrer e chorar. E eles, eles acabam quasi sempre por se convencer do seu erro... E nem tu calculas a alegria enorme da reconciliação: é a delícia inarrável de quem esteve às portas da morte e entra em franca convalescença... Com que alvoroçado júbilo éle conhecerá o teu martírio, com que infinito carinho éle cairá nos teus braços e beijará as tuas mãos de santa e de sacrificada...

Tu vais já — em nome de Deus, do teu pudor e dos teus filhos, desgraçadinha! — tu vais já fazer o que te peço, pois não é verdade? Lembra-te da aflição dos teus inocentinhos que pensaste — foi uma loucura momentânea, estou certa! — em abandonar a uma estranha! Lembra-te de Deus, do teu Jaime, da tua Mariasinha do Céu, do teu Rui — e tem pena da aflição enorme que cega de pranto desesperado os olhos da tua pobre, da desconsolada e desventuradíssima amiguinha de sempre

MARIA DOS ANJOS.

OS PRODUCTOS DE BELEZA APRESENTADOS POR VOGA SÃO OS MELHORES E MAIS EFICAZES

Ayuntamiento de Madrid

LADRÃO!... Ladrão!... Tremia em todos os membros, como se tivera quartãs... Arripios de frio sulcavam-lhe a espinha; subiam-lhe ao rosto ondas de calor... Durante toda a noite não conseguia pregar olho: dentro de si bailavam duas visões, cheia de sonho uma, aterradora a outra... Sentia derreterem-se-lhe no cérebro ideias que, até então, ferrenhamente adoptara e defendera: naquele momento a honra, Deus, a resignação perante as desigualdades da vida, tudo se esvaía para ele, muito espantado de se ter em tempos apegado a semelhantes em-



pecilhos... Recordava as frases que ouvira à sua noiva, linda e pobre rapariga, que o seu modesto lugar de cobrador d'uma grande casa comercial já mais lograria elevar acima da mais que modesta mediania.

— Olha, por exemplo, o burro do teu patrão... Andaste todo o dia, coitado, na cobrança, a receber essas centenas de contos que aí estão, para que ele não dê dez réis a um pobre e vá, se calhar, estoirar tudo na batota ou dar às amantes vestidos que custam fortunas!...

— Não, filha, o patrão é até muito económico, muito agarrado! Nisso estás tu enganada, meu amor! Aquilo nem dá sequer a água em que lava os pés... porque a manda guardar para depois lavar a casa! — retorquiu ele sorrindo.

— Ora aí tens, vês? é tudo para aferrolhar enquanto outros rebentam de fome ou querem dinheiro para comprar uma camisa e não o teem! Mal empregado dinheiro! Nas nossas mãos é que eu o queria! Como nós ambos seríamos felizes!... Com esse dinheiro que aí levava safava-se a gente daqui para fóra e ia para onde o teu patrão nos não pudesse pôr a vista em cima... Que rica partida a esse hipopótamo, ó João!

— Ó rapariga... Tu... tu estás doida?... Não sei se estou doida, se quê!... O que sei é que estou farta de miséria e de privações, enquanto o teu patrão te vai explorando... Não há direito a uns terem tudo e outros nada... Mal empregado dinheiro!... Mas, adens: vou-me à vida. Leva lá o dinheiro a esse bruto. Coitado de quem é pobre!...

...Não, não levára o dinheiro ao dono, como ela lhe dissera... Estava-se em sexta-feira, de tarde; no dia seguinte era feriado e o estabelecimento só abriria, portanto, na segunda, que era quando ele teria de ir prestar contas da cobrança. Levára o dinheiro para casa e tinha-o agora, ali, na sua frente. Um suor frio, um suor de agonia perlava-lhe a fronte: olhava para os massos de notas, deslumbrado como nunca se sentira até então, a pesar de mil vezes ter lidado com ele, às centenas e centenas de contos... Bailava-lhe diante dos olhos a imagem da noiva, pobre e linda, alta, branca, perfil inocente de cabelos doirados... Já nem o aterravam a justiça, o Limoeiro, o julgamento, escandaloso, toda uma vida de honradês afogada em lama. A tentação empolgava-o, desfazia-lhe todos os escrúpulos, muito embora de vez em quando uma rajada impetuosa de terror e de vergonha o sacudisse todo — para logo o deixar subjugado inteiramente pelas sugestões da noiva... E surpreendia-se a fazer planos, a dispor de todo aquele dinheiro. Como à sua Emasinha

A VOLTA AO MUNDO EM 44 DIAS

Um dinamarquês de quinze anos de idade, para comemorar, condignamente, o centenário de Júlio Verne, resolveu dar a volta ao mundo.

Como se sabe, um dos heróis daquele popularíssimo romancista, o célebre Philéas Fogg, realizou, através de mil peripécias, a façanha de dar a volta ao mundo em 80 dias.

O jovem dinamarquês, utilizando o caminho de ferro, o navio e o automóvel, conseguiu, atravessando a Holanda, a Inglaterra, o Canadá, o Japão e a Sibéria, fazer a mesma viagem em 44 dias.

A propósito deste gesto do dinamarquês, reproduzimos aqui dum chefe de gare, ao ver os passageiros dirigirem-se para o comboio, numa correria louca:

— Desgraçados! Pois não vêem que eu sou chefe de gare e não viajo!

ALMAS INIMIGAS

CONTO INÉDITO POR MARIA MANUELA

havam de ficar bem aqueles vestidos que ele tantas vezes contemplava cubitoso, nas montras da Baixa!... Como ele se sentia orgulhoso de a levar pelo braço aos grandes teatros e cinemas, aos jantares de estrondo e estado! Pobre-sita! o seu casamento mais lhe não traria do que filhos a redobrar para os pais a angústia do dia de amanhã!... Realmente, não havia direito: para que serviria aquele dinheiro todo ao patrão, se já estava pôde de rico e já mais se preocupava com outra coisa que não fosse pô-lo a render até que o diabo o levasse e os sobrinhos se regaliassem com juros e capital? Ai a pobreza! coitado de quem é pobre!...

Pôs-se a contar o dinheiro, ansiosamente, os olhos esbugalhados, todo ele a tremer como se tivera quartãs... As notas esgueiravam-se-lhe pelos dedos, como enguias; eram massos e massos; estavam ali algumas centenas de contos. Lembrou-se de que, na carteira, tinha também o passaporte que o patrão lhe conseguira para ele ir a Paris cobrar umas dívidas que certo credor, caloteirão e manhoso, se empenhava em deixar esquecidas... Um pensamento, rápido como um relâmpago, sulcou-lhe o cérebro escandecido e ficou lá a vibrar como o bater das



asas dum beiro na escuridão... Tinha diante de si o sábado todo, o domingo, a segunda-feira, talvez mesmo o resto da semana... Era mais do que suficiente para o comboio chegar a Paris e meter-se ele depois a caminho dos Estados Unidos. Uma vez na grande república norte-

americana — e era-lhe tão fácil chegar lá! — assobiassem-lhe às botas!... Teria dinheiro para negociar, para viver à larga, e realizar os seus sonhos... Chegado lá, escreveria logo à noiva, mandando-a ir ter com ele... Grande vida, grande vida, livre para sempre da cépa torta que era e seria a existência de ambos se permanecesse honrado mas pobre.

E quedou-se a scismar, batido por mil e uma tentações... Nunca lhe fóra dado respirar, nunca tivera um alívio nas preocupações constan-



tes que constituíam o alimento do seu cérebro. E as privações para ele tinham redobrado desde que se lhe metera na cabeça casar com a Ema. Passára a não fumar, não ia a um teatro, a um cinema, não comprava um jornal, tudo para economisar e ajudar assim a noiva a comprar o enxoval... Mas, coitado! era tudo do mais baratinho, o que eles compravam!... As coisas lindas que hoje se fazem em roupa branca já mais ele as poderia dar à sua querida Emasinha: cada uma não custava menos de duzentos mil réis!... Linho, nem pensar nisso: cada metro custaria quasi três dias do seu ordenado. Toalhas, lençois, guardanapos, louças, tudo lhe custara os olhos da cara. Para comprar a mobília para a parte de casa que alugara, fóra-lhe necessário trabalhar dois anos a fio, todas as noites, a fazer a escrita duma outra casa comercial. Tudo lhe exigira um esforço enorme, um trabalho extenuante de todas as horas na

NÃO DEITEM FORA!

AS RÔLHAS

As rôlhas usadas teem muito mais utilidade do que à primeira vista parece.

Tendo sido convenientemente lavadas e secas, podem novamente ser usadas noutra garrafa, além de muitas outras aplicações como vamos ver.

Forradas de um pedaço de pele recortada de uma luva velha, constituem uma válvula excelente para uma tina, lavatório, torneira que não feche bem, etc.

Se uma rôlha é demasiado grossa basta abri-la um «gômo» em vez de «aparar» como um lápis.

Uma rôlha constitui sempre um dos melhores auxiliares para limpar todos os talheres. Basta para isso mergulhá-la em pó de tijolo, esfregando-a em seguida sobre as facas, garfos, etc., fazendo assim com que possa obter-se um brilho admirável nos talheres.

Um dos melhores instrumentos para limpar e tirar todas as nódoas de caçarolas metálicas, frigideiras, etc., é, sem dúvida, uma rôlha, podendo igualmente ser empregada para limpar lavatórios, etc.

Discos recortados de uma rôlha e colocados entre os quadros suspensos e as paredes, evitam assim que a humidade deteriore as telas ou as molduras, impedindo que a parede ou o papel sejam riscados pela aresta da moldura.

Sempre que se deseje que uma porta não se possa abrir além de um certo limite, basta fixar ao soalho, por detraz da porta, próximo aos goncos, uma rôlha com o auxílio de um prego não muito longo. Afim de não alterar o bom aspecto do aposento, essa rôlha poderá com a maior facilidade pintar-se com a cor do oleado ou do encerrado.

Para evitar igualmente que uma porta bata com força, causando um fragor desagradável, poder-se-há usar ainda uma rôlha fixando-a no ângulo superior da porta, e amortecendo assim a pancada.

OS PEDAÇOS DE SABÃO

HAVENDO o cuidado de guardar todos os desperdícios de sabão ou sabonete, poder-se-há mais tarde agregar todos esses pedaços num único bloco que poderá arredondar-se, constituindo assim um novo sabão que sem esse cuidado nunca poderia ser obtido.

OS PEDAÇOS DE QUEIJO

PEDAÇOS de queijo guardados num frasco que não deixe entrar ar, podem mais tarde ser ralados e reduzidos a pó, constituindo um excelente tempero para macarrão, saladas, omeletes ou carnes frias.

«Macaroni» cosido e polvilhado com queijo em pó e um pouco de manteiga, constitui assim um dos pratos mais apreciados em toda a Itália.

AS MIGALHAS E DESPERDÍCIOS DE PÃO

SE depois de os deixar secar perfeitamente, reduzirmos a pó os pedaços de pão duro e os guardarmos igualmente num frasco bem rolhado onde não possa entrar ar, estaremos assim na posse de um dos temperos mais gostosos para purées, omeletes, grelhados, etc.

mira dum sonho lindo, tanta e tanta vez acariciado...

Tremia todo ao pegar nas notas, novinhas em folha, ao mirá-las avidamente. O coração batia-lhe com violência, latejavam-lhe as fontes, sentia uma imensa vontade de chorar, crispavam-se-lhe as mãos, sentia que qualquer coisa que muito amara ia morrer para ele... As palavras da noiva martelavam-lhe o cérebro: «Não sei se estou doida, se quê!... O que sei é que estou farta de miséria... Coitado de quem é pobre!...»

Era ela pois que lhe indicava o caminho... Sentiu-se inundado de suores frios... Procurou debalde tirar os olhos de cima daquele dinheiro, afastar de si a recordação do que tinha ouvido... Não se deitou: deixou-se para ali ficar, jogado por mil ideias contraditórias, mil pensamentos que o endoideciam de sonho e de terror. Dinheiro, tanto dinheiro! tantas coisas lindas e boas: a sua Emasinha, linda e amável, enroupada do que houvesse de melhor, em casa sua e opulenta, com automovel, teatros, cinemas, viagens, uma vida de prazer, uma vida de turbilhão!... Tinha tempo e dinheiro diante de si: porque não aproveitar? Nunca mais, possivelmente, a ocasião se repetiria. «A ocasião faz o ladrão», diz o povo...

— Ladrão!... ladrão!...

Veiu a manhã encontrá-lo ainda à pobre mesa do seu quarto. Envelhecera dez anos. E o patrão, quando o infeliz no dia seguinte, sábado, lá foi a casa levar-lhe o dinheiro, a rogar-lhe por tudo quanto havia que verificasse se estava certo e o considerasse despedido porque ia para fóra, nem o reconheceu... Envelhecera dez anos; parecia doido, o rosto lívido, os gestos febris, taratudo, ofegante... O patrão contou o dinheiro, desconfiado, tão desconfiado que até se esqueceu de insistir com o desgraçado para continuar no emprego...

No domingo, o mísero desfez o casamento, saiu de Lisboa e nunca mais ninguém teve notícias dele... A noiva, essa, — pobre e linda, alta e branca, perfil inocente de cabelos de ouro! — teve artes, pouco tempo depois, de casar com o patrão do seu antigo noivo...



O RELÓGIO PERPÉTUO

SEGUNDO nos refere um jornal de Neuchâtel, um suíço acaba de inventar um relógio capaz de funcionar, sem a menor interrupção, durante milhares de anos, utilizando como força propulsiva a pressão atmosférica e as variações da temperatura.

Interrogado sobre esta invenção, um professor de relojoaria, que como as leitoras decerto calculam, é um suíço, declarou que em teoria, o relógio perpétuo é admissível. Na prática, já as coisas se não passam da mesma maneira. Os museus de relojoaria, que a leitores também adivinhou serem suíços, possuem várias colecções de engenhosos mecanismos que não resolveram o problema a que o inventor julga ter dado solução.

Se é relógio não é perpétuo. Até hoje só existe, verdadeiramente, um único relógio perpétuo — a vida...



UM BUSTO FORMOSO

obtido em 3 a 5 semanas pelos

METODOS PARISIENSES

universalmente conhecidos

Exuber bust developer

Exuber bust raffermer

Um seio formoso, atractivo incomparável da mulher, é coisa rara mas que, de hoje em diante, pode ser conseguida por todas as senhoras.

De todos os pontos do globo recebo cartas de agradecimento pelos resultados notáveis obtidos com os meus métodos EXUBER BUST DEVELOPER ou EXUBER BUST RAFFERMER, o primeiro para o desenvolvimento dos seios; o segundo exclusivamente para obter o endurecimento dos seios descidos pela doença, as fadigas ou a maternidade. Os resultados em questão obtêm-se em pouco tempo sem ter que tomar drogas sempre nocivas, nem sujeitar-se a massagens sempre fatigantes.

Se as leitoras tiverem ocasião de admirar uma senhora ou uma rapariga de busto perfeito, podem desde logo ficar certas de que na maior parte das vezes se deve a qualquer dos meus dois métodos, hoje universalmente conhecidos e apreciados, o possuírem essas criaturas — esse encanto incomparável. E se até hoje hesitaram essas pessoas, não percam mais tempo dirijam-se-me com toda a confiança, citando o nome deste semanário e receberão na volta do correio — absolutamente de graça e devidamente oculta — uma brochura explicativa respeitante ao seu caso, sem nenhuma despesa nem compromisso algum.

OPINIÕES DE DISTINTOS CLINICOS

Os Drs. D. JOSÉ ARELLANO, D. RICARDO RASO, D. MANUEL VASQUEZ, de Almeria; D. EMILIO GUTIERREZ, de Santa Fé; D. JOSÉ MANGANO FERNANDES, de Gador; D. J. URDIALOS GOMEZ, de Roquetas; DR. TRIFONOFF, DR. CEGGALDI, DR. VERGNES, DR. GAUTHIER, de Paris, etc., que experimentaram os dois métodos em muitos casos, reconheceram a sua verdadeira eficácia e recomendam-nos aos seus clientes que deles necessitem.

BONUS GRATUITOS

As leitoras da Voga receberão pelo correio, envolvidos num sobrescrito que não deixará perceber o conteúdo, os pormenores explicativos dos métodos de M.^{me} Hélène DUROY.

Pede-se a fineza de riscar o método que não lhes interessa.

DESENVOLVIMENTO ENDURECIMENTO

Nome

Direcção

Enviar o bonus desde hoje a M.^{me} Hélène DUROY, 11, Rue de Miromesnil (onze) Division 675. Paris (8^e)

Assignar bem legivelmente ajuntando selo para resposta.

O SALÃO DA ELEGANCIA FEMININA & ARTES DECORATIVAS não é um negocio da VOGA: é uma obra desinteressada.

Lave, ondule e corte o seu cabelo na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
LISBOA
AVENIDA, 35

O ENCANTO FEMININO

POR HELENA DE GUSMÃO



FREDERICO — Chove e não é inverno. Isto é: chove, irremediavelmente, interminavelmente... Estamos, portanto, tão encerrados neste café, como o condenado numa prisão. Só nos resta um recurso: conversar. Conversemos, pois...

CARLOS — De política? Sobre arte?

FREDERICO — Quando dois homens se encontram, há um tema inevitável, inextinguível: as mulheres.

CARLOS — Houve um literato que afirmou ser o dinheiro o fundo de todas as actividades.

FREDERICO — Esse literato deixou uma obra vasta, toda consagrada ao amor humano; aos sofrimentos, às angústias, às alegrias, às preocupações da vida. Sofrimentos, alegrias, angústias, preocupações baseadas no eterno tema. A história da literatura através dos séculos, é a história do amor através dos tempos. Que conclusão se extrai desse trabalho secular, eternamente renovado, e eternamente o mesmo?

CARLOS — Que há só no mundo uma verdade — a mulher.



FREDERICO — E que há só no mundo uma mentira — a mulher.

CARLOS — A mulher é o amor; o amor é a paz.

FREDERICO — Também é a guerra. Troia sofreu e foi destruída por causa duma mulher: Helena.

CARLOS — A mulher é a mãe. A abnegação no sacrifício, a estoicismo na dor.

FREDERICO — ...É a sogra. O egoísmo mais profundo aliado à maldade mais perversa. Eva é a condenação do género humano...

CARLOS — ...É também a sua immortalização...

FREDERICO — Eva é o pecado!

CARLOS — É a expiação.

FREDERICO — Voluntária no pecado — eis o seu crime. Condenada por uma força estranha, superior, indomável, a sua expiação não é o seu



arrependimento. É sua lei fatal, a que obedece invencivelmente, inconscientemente.

CARLOS — A mulher é um mistério.

FREDERICO — A vida também o é.

CARLOS — Mistério da vida, é a mulher. Nesse mistério, que é eterno, reside o seu encanto perene. Decifrar esse mistério é roubar à vida toda a sua beleza, toda a sua alegria...

FREDERICO — A mulher é um mundo, um mundo em que a beleza existe só para que examinemos — com maior clareza, com certeza mais desoladora — que a fealdade existe e domina!

CARLOS — Que a beleza vence e perdura...

FREDERICO — O encanto feminino? Em que consiste? Onde está ele?

CARLOS — Não existe na beleza, nem na fealdade. Existe na mulher, em todas as mulheres. Há mulheres bonitas que só espalham no mundo o sofrimento e a maldição. Há mulheres feias que perturbam e redimem.

FREDERICO — Divagações!... Torno a pergun-



tar-te: Em que consiste o encanto feminino?

CARLOS — Em tudo e em nada. Nuns olhos que se cerram, quasi imperceptivelmente, quando nos fitam. Nuns lábios que se contraem, nervosos, e nos dominam, sem que o som duma voz nos impressione, sem que o poder eloquente duma palavra nos arrebate. Num perfume que nos embriaga, na ligeira ondulação dum corpo que nos acelera as palpitações do coração e nos povoa o cérebro de sonhos e de extasis indefinidos.

FREDERICO — Pela última vez: Onde reside o encanto feminino?

CARLOS — Numa noite de Agosto, em pleno campo, cheia de sombras recortadas pela luz pálida e acariciante do luar, a tua alma perturbasse. Uma sensação estranha, inefável, empolgante. Sentes que estás sendo vítima duma influência poderosa, deliciosa, a que obedeces enternecido e feliz. Porquê?

FREDERICO — Não sei.

CARLOS — Como queres, portanto, que eu te defina o encanto feminino?



BERTRAND IRMÃOS, L.D.

FOTOGRAVADORIES

TELEFONE TRINDADE 96

T. DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA



A GRAFONOLA

"COLUMBIA" N.º 113

representa o maximo da SONORIDADE e de nitidez até hoje conseguidas em APARELHOS PORTATEIS

Todas as mais recentes novidades em DISCOS acabam de chegar aos

Agentes exclusivos e unicos importadores

P. SANTOS & C.A, L.DA

R. Ivens, 52, 54 - LISBOA - R. Garrett, 57, 59, 61

FAÇA AS SUAS ENCOMENDAS

NA

AUX GALERIES LAFAYETTE

Agencia:

Avenida da Liberdade, 11, 1.º - LISBOA

DOCES

E

COSINHADOS

Receitas escolhidas

por ISALITA

Um volume encadernado com 351 paginas

Escudos 25\$00

LIVRARIAS

AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 LISBOA

TODA A MULHER

deve cuidar da estética do seu BUSTO que nem sempre pode ser corrigida pela «toilette» que veste. É indispensável que as suas formas sejam proporcionais à sua estatura. O FILOCOL N.º 1 serve para desenvolver o PEITO, o N.º 2 para o endurecer e o FILOCOL N.º 3 serve para o diminuir. Preço do N.º 1 ou do N.º 2 — Esc. 25\$00, pelo correio — 26\$00. Preço do N.º 3 — Esc. 40\$00, pelo correio — 42\$00.

AS PESSOAS NUTRIDAS

devem tomar as HOSTIAS D'ORCEL para emagrecer lenta e progressivamente sem prejudicar a saúde. Aconselhadas pelos médicos. Caixa 25\$00 esc. — pelo correio 26\$00 escudos.

LABORATÓRIO ORCEL

Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — LISBOA

Grafologia

Para obter os característicos grafológicos de qualquer pessoa, basta enviar a

MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

Lisboa

um envelope contendo o documento ou documentos que se deseja submeter à análise incluindo a quantia de — um escudo — em papel moeda, ou estampilhas postais.

O verdadeiro nome ou morada do cliente só são necessários caso se deseje a devolução dos documentos enviados, devendo nesse caso ser também incluído um envelope devidamente estampilhado.

Sempre que se deseje obter a resposta particularmente pelo correio, deverão as consultas ser endereçadas à Secção Grafológica do Magazine Bertrand segundo as condições indicadas nessa revista (Esc. 2\$50 por consulta).

Os resultados das análises são publicados segundo a ordem por que foram recebidos com toda a urgência possível. Todas as vezes que

AS SENHORAS DAS AVENIDAS NOVAS preferem, para corte de cabelo, o gabinete do SALÃO ARTE NOVA, AVENIDA MIGUEL BOMBARDA, 72, onde serão atendidas por um artista especializado.

as conclusões das análises não correspondam à expectativa dos nossos clientes, ou resultem aparentemente erradas, rogamos encarecidamente que com a maior sinceridade e sem o menor receio de susceptibilizar a nossa competência, nos apontem as discordâncias mais evidentes segundo o critério das pessoas interessadas.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos característicos grafológicos, podem todas as Ex.^{mas} Consultantes da Voga, reender as suas mesmas consultas para o Magazine Bertrand (Esc. 2\$50 por cada consulta) com a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na Voga.

N.º 462 — *Uma exaltada* — Lisboa. — De facto, há repentes no seu grafismo que revelam uma exaltação física que urge a todo transe evitar.

É um grafismo digno de uma análise profunda, parecendo vibrar agitado por uma tendência extraordinária em exagerar os próprios sentimentos talvez em resultado de um romantismo apurado, ardente, ofegante...

Tôda a sua simplicidade natural, é assim prejudicada por manifestações ocasionais e irrimediáveis de um temperamento afectuoso e sugestivo.

No seu grafismo há, porém, um aspecto extremamente simpático a que não quero deixar de me referir: a sua afectividade bondosa, aliada a uma vontade forte mas facilmente maleável.

N.º 463 — *Reine de Laval* — Guarda. — Se francamente fôsse forçada a revelar-lhe tôda a verdade do seu grafismo certamente faria com que *Reine de Laval* ficasse sendo minha inimiga...

Mas, nem todos os seus traços revelam os resultados dessa *coquetterie capricieuse et légère* que constitui a causa primeira de todos os seus desapontamentos e dissabores emocionais.

A dissimulação levemente teatral com que cautelosamente rodeia a sua exterioridade constitui mais um dote que um defeito e... eis tudo o que por hoje devo dizer-lhe.

N.º 464 — *Jean J. Rousseau*. — Temperamento forte, vontade persistente e tenaz, obedecendo a um verdadeiro método e ordem de ideias.

Espírito culto procurando, contudo, impôr-se mais pelos efeitos do que pelo seu próprio valor.

Superioridade relativa, bondade decidida mas regada por convenções mais fortes que a sua própria vontade os seus próprios desejos.

Correcto nas suas atitudes e decisões, por ve-

zes audazes mas sempre dignas e em obediência a uma verdadeira lógica.

N.º 465 — *A. B.* 13-9-27. — Senso prático, ponderação e pessimismo. Actividade moral obedecendo a uma vontade por vezes precipitada mas sempre conforme e de acordo com a sua afectividade sincera e de fácil submissão.

Todos os traços indicam fidelidade nas suas decisões e princípios numa impressionabilidade que a custo tenta dissimular.

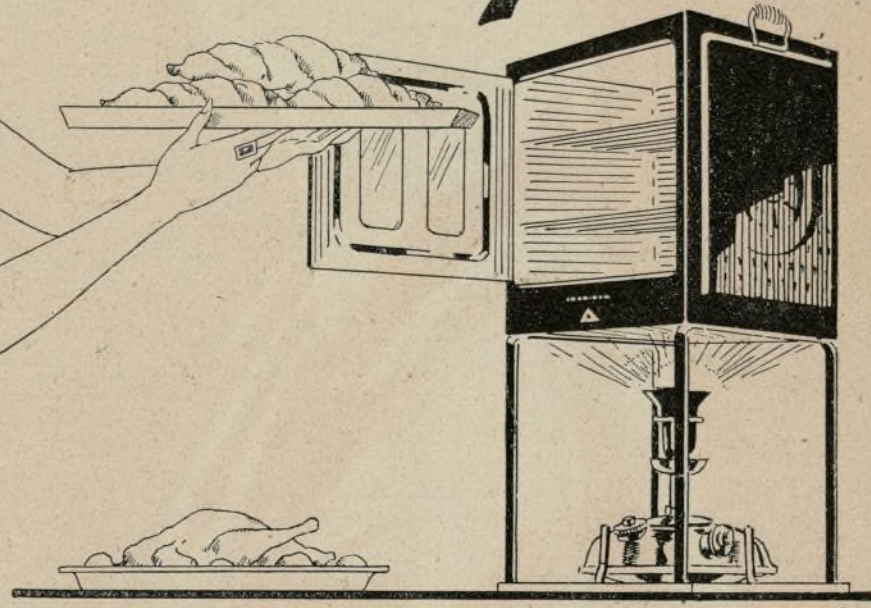
Mas de todos os seus característicos morais aquele que se revela com mais intensidade é, sem dúvida, o sentimento da fidelidade, bem raro infelizmente nos tempos que vão correndo, em que a vida para a maioria da humanidade, que não para *A. B.*, é um palco vastíssimo em que as caracterizações com tintas e espelhos portáteis já se fazem mesmo à vista do público, dos espectadores inconscientes dessa farça trágica e sem intervalos, até que a morte, brusca ou lentamente, faz descer o pano de boca...

N.º 466 — *Vida sem esperança* — Lisboa. — Simplicidade afectuosa e natural, admitindo a sua existência tal qual ela é, sem revoltas ou exaltações violentas.

Tôdas as suas faculdades surgem perfeitamente equilibradas e se não fôra alguns traços revelando uma leve parcela de amor próprio, dir-se-ia que estava na presença de um grafismo absolutamente perfeito.

Uma leve agitação, a que não é estranha também uma tendência para a precipitação de ideias, parece prejudicar em parte o equilíbrio

Coser pão
num Fogareiro
da Vacuum



O Forno PURITAN, construído na fábrica que produz os celebres Fogões Puritan, é o único acessório com o qual V. Ex.^a pode até coser pão no seu fogareiro de petróleo. Venha pois, vê-lo aos nossos estabelecimentos, onde assistirá, sem compromisso algum, a uma demonstração, todos os dias, das 4 às 5 da tarde.

FORNOS
"PURITAN"

Petroleo SUNFLOWER

Rocio, 67. Tel. N. 3075
e nas suas Agencias.

VACUUM OIL COMPANY

dessas faculdades, aliás dignas e sempre correctas.

O seu personalismo parece estar, pelo menos no momento em que este soneto foi escrito, debaixo de uma grande preocupação moral, procurando suggestionar-se a si própria numa ideia que afinal é o espelho da verdade.

N.º 467 — *Saudade, doce martírio*. — Exterioridade ponderada, cautelosa, procurando guiar todos os seus gestos e atitudes de forma a valorizar-se numa superioridade relativa ao meio e à convivência, mas não podendo, contudo, ocultar completamente tôda a infantilidade da sua natureza e simplicidade do seu espírito, um pouco exageradamente sentimental e romântico.

Todos os traços revelam bondade, naturalidade, doçura de instintos e equilíbrio de faculdades, vigor e sensibilidade, lenta mas decidida e inabalável.

É um grafismo digno de uma exame mais ponderado e extenso mas o espaço escasseia.

AVISO IMPORTANTE

Tomamos a liberdade de lembrar a tôdas as nossas Ex.^{mas} Consultantes que as importâncias devidas por cada consulta deverão ser enviadas em papel-moeda e nunca em moedas metálicas, a fim de que a correspondência não fique retida no correio. Rogamos, por isso, a tôdas as nossas Ex.^{mas} Consultantes que não tenham recebido o resultado das suas consultas ou não os

tenham visto publicados na Voga, o favor de nos avisarem, a fim de podermos reclamar as cartas que possivelmente estarão retidas no Refugio Postal.

GALERIA DA MODA

(ANTIGA CASA PERAL, L.^{da})

2.^a feira, 14

INAUGURAÇÃO DAS NOVAS INSTALAÇÕES e ABERTURA DA ESTACÃO DE VERÃO — Com um variadíssimo sortido das últimas novidades de tecidos em lãs, sedas e veludos, adquiridos directamente nas principais fábricas nacionais e estrangeiras

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Enviam-se amostras e encomendas á cobrança para todo o país

Rua da Prata, 82 a 86

Telefone: Central 77

PHILLYS HAVER

A BELEZA FATAL

tinada ao permanente papel de ingénua, uma ingénua-tipo, que os Duncan levariam nos braços hercúleos em cavalgada ardente, ou os Ray beijariam com um riso franco nos lábios, nos últimos cinco metros de qualquer comédia ligeira.

Mas não, Phillys Haver nunca conseguiu eliminar dos seus olhos, de toda a sua face gaiata, uma subtil expressão de perversidade, alguma coisa de diabólico, o que, aliado à perfeição inextinguível da sua viva escultura, a destinou às «wamps», um vampiro loiro, mas não menos demoníaco, uma perversa e letal sereia de olhos verdes, cor das profundas e trêdas águas dos mares enigmáticos. Começando pelas encantadoras em *maillot* ou sugestivo *deshabillé* de Mack Sennett e Christie, Phillys Haver, ao ser incorporada nos elencos da Producers Distributing Corporation, chefiada pelo genial Cecil B. de Mille, foi logo lançada com a decisão que é característica no grande director, em papeis grandes, de fôlego, em que a linda e elegantíssima mulher loira aparece sempre sob aspectos em que a sua beleza, embora deslumbrante, se aureola dum picante especial: a antipatia.



Há muita espécie de belezas no cinema e os americanos, como ninguém, têm a arte de as catalogar. Jovem de 18 anos, com os loiros cabelos em poalha dourada sobre a cabecita airosa, é, por certo, fadada à interpretação de todas as ingênuas do repertório, como as mulheres altas, esguias, coleantes, a quem fiquem a matar os longos vestidos serpentinos modelando as formas túmidas e possuam olhos negros, profundos e fartos bandós a cair, num abandono sensual, sobre as faces maquilhadas, pela certa, sem falhar uma só vez, está rigidamente indicada como «wamp», ou seja, na tradução literal *vampiro*, mulher fatal, levada da breca para apaixonar galãs de bicipedes saxónicos e os roubar, transviando-os da paixão mórbida à ingénua loira atrás citada. Claro está que a loirinha, no final, terá que trocar com o atlético e imberbe galã um formidável beijo com balanço e rigorosamente cronometrado, e a «wamp» desgrenhará os bandós, torcendo desesperadamente o corpo serpentino sobre uma pele de urso oxigenado, ante o olhar irónico e o riso franzido dum senhor de bigodinho e risca ao meio, muito bem vestido, que é, invariavelmente, o «villain», ou seja, em vernáculo, o *villão*, o traidor, o homem maroto da intrigasinha.

Isto, o figurino clássico americano, de resto quasi universalizado pela enorme, assoberbadora expansão do cinema *yankee*, mas, como todas as grandes regras, tem excepções. Basta que o artista tenha, na verdade, talento em barda, para que o seu *emploi* vá além do físico, e se é certo que Marie Prevot nunca poderá abandonar o *vaudeville*, como Mount Blue, Jack Mulhal e Mãe Murray, também é certo que, artistas como H. Warner, John Barrymore, Pola Negri, Dolores del Río, Adolphe Menjou e outros, ao parecer destinados a um único género, pelos seus dotes físicos, nos aparecem já sob vários aspectos, galãs e centros, característicos e cínicos, ingênuas, «wamps» e velhinhas. Obra rara do talento!

Entretanto, entre todos os casos, um dos mais curiosos é o de Phillys Haver. Esta linda rapariga, loira como uma daquelas saudosas libras de quatro mil e quinhentos, delgada, leve, espiritual, com uns olhos verdes deliciosos, pareceria, a avaliarmos pela costumada catalogação, des-

Na próxima semana, um grande cinema de Lisboa apresentará:

DESTRUIÇÃO!!

Um filme de guerra com George O'Brien e Madge Bellamy que suplanta todos os filmes de guerra